

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 MUSEU
MUNICIPAL DE PENAFIEL



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Míla Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 *O Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir
de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termais de *Mirobriga*
(Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus
(Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na
Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos
(Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha
do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa
de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos
humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica
na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

CERÂMICA DE LEIRIA: ALGUNS FOCOS DE PRODUÇÃO

Jaqueline Pereira¹, André Donas-Botto²

RESUMO

A dinâmica urbanística de Leiria, de matriz medieval, é estruturada no século XIII e XIV. Consolida-se e expande-se nas centúrias seguintes. A emergência de cerâmica em Leiria, centro onde abunda a matéria prima, parece acontecer paralelamente à produção noutros centros. As recentes descobertas arqueológicas na zona urbana, mostram estruturas e produtos resultantes desta actividade e revelam a deposição dos refugos em diferentes áreas, sempre que fosse necessário atulhar alguns pontos, dentro ou fora de edifícios.

Palavras-chave: Época Moderna, Cerâmica, Centros produtores.

ABSTRACT

The urban dynamics of Leiria is structured in the 13th and 14th century. It consolidates and expands in the following centuries. The emergence of ceramics in Leiria seems to happen in parallel with production in other centres. Recent archaeological discoveries in the urban area, show structures and products resulting from this activity and reveal the depositions of waste in different areas, whenever it was necessary to pile up some points inside or outside buildings.

Keywords: Modern Period, Ceramics, Production Centers.

Em redor do monte do castelo³, o povoamento da área de Leiria, foi essencialmente orientado pela exploração agrícola das terras férteis de aluvião. Fora de muralhas, o principal aglomerado urbano de Leiria cresceu ao longo da rua Direita, à volta da Igreja de S. Martinho e do Terreiro. A partir do século XIII, nomeadamente até ao século XVI, a expansão estava balizada por dois elementos: o morro do castelo, onde foi implantado o primeiro núcleo, e o rio, fator de crescimento. Nos séculos posteriores, a ampliação do espaço urbano continuaria a acontecer. Mais tarde, a abertura da praça Rodrigues Lobo, antes Praça de São Martinho, aliada à existência da Sé Catedral e à regularização do leito do rio, que sempre teimava

em se espriar para oeste, fazendo estragos repetidos, conduzem a uma melhor expansão urbana.

O rio Lis, ao mesmo tempo que se revelava um factor de desenvolvimento económico por via da fertilização dos campos, funcionava, no interior da malha urbana, como um obstáculo à sua natural expansão (MARGARIDO, 1988: 45-46).⁴ Antes da alteração do seu percurso, passaria em frente do antigo Convento de Santana, tomava a direcção do Edifício do Antigo Paço Episcopal e trespassava a área onde se implantou o edifício da antiga padaria (edifício construído no género arte moderna), conhecido por Garage, continuando em direcção ao Convento de São Francisco. Paralela ao leito antigo seguiria a

1. Arqueóloga, Divisão de arqueologia da Ediestreido, Lda.; agape@sapo.pt

2. Arqueólogo, Divisão de arqueologia da Ediestreido, Lda.; adonasbotto@gmail.com

3. A área em causa situa-se na ZEP do Castelo de Leiria, Monumento Nacional, Decreto de 16-06-1910, DG, 1.ª série, n.º 136 de 23 junho 1910 / ZEP / Zona “non aedificandi”, Portaria, DG, 2.ª série, n.º 134 de 08 junho 1967, alterada pela Portaria n.º 201/2018, DR, 2.ª série, n.º 58/2018 de 22 março 2018.

4. A avaliar pelo relatório realizado pelos Estudos Geológicos – Geotécnicos, elaborado com a finalidade “de obter elementos para a escolha da solução de fundações” do edifício na Av. Heróis de Angola (CÊGÊ, 1987: 1) e considerando os trabalhos arqueológicos já efectuados na cidade, confirma-se que o traçado actual do rio é resultado de alterações provocadas no século XVII e início do século XVIII.

rua Direita antes de ser decepada e credivelmente o Beco de São Francisco.

Até finais do século XVII, conforme clarificam diferentes autores, a baixa de Leiria era uma zona muito alagadiça. Grandes inundações ocorriam frequentemente e quase todas com consequências catastróficas e avultados danos materiais, conforme a interpretação dos diferentes contextos e vestígios detectados ao longo da cidade.

O processo demográfico esteve sempre ligado à riqueza da terra e, até ao século XIII, dominava uma população activa ligada à agricultura as terras férteis de aluvião ou sedimento clástico, depositado por um sistema fluvial no leito e nas margens de drenagem (MATTOSO, 1987: 95-111). Na paróquia de São Martinho habitavam os estratos sociais mais altos da vila e era onde se tomavam as decisões de âmbito judicial e administrativo do município (GOMES, 2004: 16).

A rua Direita teria começado por ser um atalho que, vindo da Portela, seguia para norte contornando, numa cota baixa, o morro onde se situava a Leiria intramuralhas. Se não havia nada de relevante onde hoje está a Sé, é provável que a rua em causa viesse de sul e trespassasse a área onde hoje figura a Sé, em direcção ao Convento de S. Francisco. O aglomerado urbano de Leiria funcionava como centro económico redistribuidor dos excedentes produzidos na área agrária circundante. E a rua Direita é, portanto, uma via de origem orgânica, fortemente percorrida, de vocação comercial e que corresponde à espinha dorsal do urbanismo leiriense, já desde a primeira metade de XV. No limite a norte, a Sé seria construída, no século XVI, sobre o traçado desta rua (onde não haviam casas em banda) e onde os frades franciscanos eram donos de terrenos, no Sítio da Ordem (PORTELA & QUEIROZ, 2004: 336).

No território da cidade de Leiria cultivaram-se os núcleos distintos, com funções sociais ou funcionais específicas. Esta realidade marcou profundamente a morfologia e a dinâmica urbanística de Leiria que, tendo uma matriz medieval estruturada no século XIII e XIV, consolidou-se nas centúrias seguintes, passando por uma expansão que definiu os limites actuais do centro histórico, apenas em finais do século XIX e durante o século XX (GOMES, 1993; VALE, 2005; GOMES, 2004).

E, no que diz respeito directamente à produção de cerâmica em Leiria, as recentes descobertas arqueológicas, clarificam que esta área do país, procurada

também pela matéria prima excelente, foi um centro produtor de cerâmica, nomeadamente na época Moderna. No espaço urbano, do que se percebe até hoje, tratar-se-ia de uma área de produção situada entre a Rua das Olarias, Rua Fonte do Pocinho, um ponto mais elevado, e a Rua José Estevão, ao lado do Terreiro, a sul da antiga Rua Direita, abarcando, portanto, a Rua Dom Nuno Alvares Pereira, a Rua Pinheiro Chagas até ao Largo Cândido dos Reis e, talvez mesmo, alargando-se à rua dos Poços. As águas circulariam por toda esta área. A leste do Terreiro, a antiga rua do Pocinho desapareceu e foi substituída pela Rua Machado de Castro e, logo ao lado, um arruamento de elevada importância, a Rua da Água (agora Comandante João Belo), dava continuidade ao trânsito que seguia de sul para norte.

Credivelmente esta área estaria interligada com a zona de Santo Estevão, um dos núcleos populacionais importantes da Leiria medieval. Relativamente periférico, era um bairro cujos residentes pertenciam a um estrato social não elevado. Instalaram-se também ali os Mouros forros e mesteiros, de atividades relativamente poluentes, como são o exemplo das forjas, olarias, lagares de vinho e de azeite (GOMES, 2004). A consolidar o núcleo populacional estaria ali também um Hospital, administrado por ferreiros, serralheiros, caldeireiros, picheiros, ferradores, ourives, cutileiros e carvoeiros (Anónimo, 1868, 60), bem como uma albergaria e a Igreja de Santo Estevão, já edificada no ano de 1211.

A rede viária dessa freguesia seria reduzida, sendo constituída pela rua da Mouraria (muito provavelmente antecessora da actual rua das Olarias), a rua da Ferraria e, provavelmente, a rua Corredoira.

O principal ponto de abastecimento público de água da antiga freguesia de Santo Estevão, desde antes de 1300, seria, segundo o investigador Saul António Gomes, a Fonte do Freire, na confluência da Travessa da Fonte Freire e da R. José Estevão (GOMES, 1993). Esta fonte, embora não se saiba a data da sua construção, tem-se conhecimento que no ano de 1702 foi submetida a “obra nuderna”. Já o tanque que existe ao seu lado terá sido reconstruído em 1879 (GONÇALVES, 2010: 30-31). É provável que essa nascente de água tenha sido aproveitada para a produção de cerâmica, agora claro, neste ponto da cidade.

E é ao lado da referida Fonte, no cruzamento da Rua José Estevão com a Rua Pinheiro Chagas, que se detectou um dos fornos de cerâmica já encontrados na zona urbana. A estrutura apresentava uma forma

quadrangular, com cerca de 150 cm². Associada a esta estrutura existiria uma estrutura p treia e a estrutura em negativo.

Os trabalhos de decapagem permitiram apurar a interconexão neste complexo de produ o: a estrutura de combustão, propriamente dita; a estrutura p treia de apoio [05]; o alinhamento composto por blocos e outro barro, orientado SO-NO [06], sob a Unidade 07; e a fossa para deposi o de desperdício, resultante da actividade produtiva, aqui localizado com o número [20].

Estrutura quadrangular era constituída por paredes executadas com dois tijolos, sobrepostos. A face interior desse alinhamento/, parede exterior estava coberto por escórias e vidro pelo material usado para vidrar as peças cerâmicas – vidro verde e amarelo –, tornando-se assim a superfície da parede rija. Estrutura quadrangular era constituída por paredes executadas com dois tijolos, sobrepostos. A face interior desse alinhamento/, parede exterior estava coberto por escórias e vidro pelo material usado para vidrar as peças cerâmicas – vidro verde e amarelo-, tornando-se assim a superfície da parede rija. A estrutura foi abandonada. Onserida num prédio urbano com cerca de 20 m², vem referir a ideia de que no interior do tecido urbano existiam barreiros e oficinas de oleiros onde o ofício passaria de pais para filhos.

Ali recolhemos cerca de 100 trempes e grande quantidade de cerâmicas, ao todo cerca de 311 peças, em particular vidradas, quer no interior da estrutura de combustão, quer na fossa onde figuravam peças abandonadas.

Sob a unidade 05 vamos encontrar uma camada t nue [21], de cariz plástico, cor branca – cinza e pequenos carvões –, contendo um fragmento de cerâmica brioso (vinoso e azul – XVIII).

A estrutura de combustão encontrada teria já deixado de ser funcional ou de ter actividade; havia sido abandonada e entulhada com recurso a peças da produ o de cerâmica: fragmentos de chacota, peças defeituosas e com marcas de vidro, trempes, telhas... A ab boda do forno teria caído a *posteriori* sobre as camadas de deposi o de materiais. O interior dessa estrutura apresentava as paredes vidradas, resultante de um segundo momento da cozedura, após coloca o de vidro nas peças.

Em 2005, no edifício imediatamente a leste, haviam-se verificado fortes indícios de combustão (carvão e cinza), num nível de cota inferior, durante a abertura

para sapatas para remodela o do edifício. Fica assim claro, parece-nos, que a área de produ o se expandia para leste.

E logo a norte da Rua Pinheiro Chagas, no conhecido edifício do Barão Salgueiro, no Terreiro, verificaram-se diferentes restos de estruturas de combustão em similar situa o. Contexto quase destruido aquando da constru o dos edifícios ali existentes. Restaram t nuas marcas de estruturas, tendo-se percebido, no entanto, um exemplar com forma ligeiramente oval.

Qui  que algumas dessas estruturas, francamente decepadas, fossem têm também usadas por um nível referente a abatimento de cobertura ferreiros ou mestre de arte afim, já que a  se detectou alguma quantidade de escórias, no interior de algumas das estruturas negativas, tipo fossa.

As estruturas detectadas estarão, no entanto, associadas à produ o de cerâmica, dado que os exemplares cerâmicos ali recolhidos se integram num mesmo conjunto, onde figura a chacota, trempes, cerâmica fosca e cerâmica vidrada, grandemente com marcas de pingos de vidro. Já mais para sul fica clara uma estrutura de maiores dimensões, construída por muros de pedra, também com vestígios de batimento de cobertura. No interior recolheram-se inúmeros exemplares de cerâmica.

Também numa área urbana de cota superior, na Rua D. Nuno Alvares Pereira, haviam já sido detectados vestígios de materiais similares e uma estrutura de combustão com planta da câmara de um forno, de forma ligeiramente oval, com abundantes nódulos de argila cozida, alguns dos quais com pingos de vidro (BASÍLIO, 2011). Exemplares de trempes, fragmentos de cerâmica vidrada, cerâmica fosca, e duas candeias, também peças enquadradas no período Moderno.

Entretanto ao conjunto cerâmico recolhido juntaram-se outros conjuntos noutros sítios já da rua Direita e até mesmo no edifício em frente da Sé Catedral de Leiria, onde se recolheram exemplares de cerâmica fosca, do período Moderno, portanto. Dois testemunhos marcantes da produ o cerâmica de período Moderno e até mesmo Contempor neo de Leiria são os níveis de aterro identificados em dois edifícios do centro histórico de Leiria. Um deles, conhecido como *Edifício Narciso Costa* situado na Rua D. Afonso Henriques apresentou diversos níveis de aterro com entulhos compostos praticamente por restos de produ o cerâmica, peças des-

cartadas e mesmo algumas praticamente intactas, como acontece noutros locais da cidade.

Para além destes entulhos que marcaram a estratigrafia do local em todos os níveis térreos do edificado foi possível observar em corte uma sucessão de níveis estratigráficos que se assemelham aos cortes das áreas de fornos cerâmicos do edifício do Barão Salgueiro. As margas escavadas em meia lua e a sucessão de terras com carvões, cinzas, argilas com cerâmicas e camadas de carvões deixam adivinhar o que seria uma área de limpeza de uma estrutura ligada à produção cerâmica.

O núcleo de produção teria antecedentes no período medieval e também se expandiu no espaço, para outros pontos de Leiria, com menos população. Em meados do século XIX um arrematante faz um pedido à autarquia, no sentido de lhe ser cedida a cozinha do Convento de São Francisco para aí instalar “um forno para cozer louça”⁵.

E durante a intervenção no edifício da Moagem, antigo Convento de S. Francisco, recolheram-se, inúmeros elementos associáveis à produção de cerâmica.

Alguns dos elementos recolhidos estão directamente ligados a actividades domésticas do dia a dia, mas importa referir a presença de inúmeros exemplares que nos remetem para a produção, como sejam as dezenas de trempes, a chacota, os fragmentos de cerâmica fosca e cerâmica vidrada com marcas de pingos de vidro que nos remetem para à produção de cerâmica. O conjunto cerâmico corresponde a elementos utilizados no espaço, mas na sua maior parte, são elementos usados para atulhar a área, credivelmente após as inundações: lixos resultantes de produção aproveitados para encher vazios criados pela água ou abandonados devido a estragos provocados pela água.

Outros dados recolhidos, após o inventário dos elementos e numa primeira abordagem, são trazidos por peças cuja importância e singularidade trazem a capacidade de caracterizar o grupo que as produzia e a comunidade que delas fazia uso. Recolheu-se um grande conjunto cerâmico do complexo do Convento de S. Francisco de Leiria, destacando-se elementos como a panela, o prato, a tijela como louça para ir à mesa e/ou para líquidos e outros elementos para serviço; outras peças figuram associadas à iluminação, à prática da higiene corporal ou enquadradas em actividades de lazer.

5. CABRAL, 1975: 29.

Assim, no conjunto da chamada cerâmica de uso doméstico, contamos com diferentes tipos de indivíduos, nomeadamente, a panela (cerca de 44 elementos surgiram com marcas de fogo, maioritariamente na UE 68) e o prato, a tijela como louça para ir à mesa e/ou para líquidos, o pote, o copo, o púcaro, o jarro; outros elementos para serviço e higiene, como são o alguidar, e o bispote; peças enquadradas em actividades de lazer, como são a peça de jogo, o cachimbo; e ainda a candeia e o castiçal, para iluminação.

Não fazemos aqui um estudo aprofundado do conjunto e muito menos de cada peça, promovemos uma abordagem geral, sempre sujeita posteriores revisões. Contabilizadas peças inteiras e fragmentos, a cerâmica fosca apresenta a maior percentagem, com cerca de 8602 exemplares; a cerâmica vidrada está representada por 8031 elementos; o conjunto da faiança está presente em 4078 exemplares; e, por último, a porcelana está representada por menos de meia centena de exemplares.

Em termos de localização no espaço, verifica-se que cerâmica fosca surge em maior número na unidade 409, com cerca de 1706 elementos, sendo seguida pela unidade 68, com cerca de 1592 elementos e a UE 212, com 1349.

Já o conjunto de cerâmica vidrada fica constituído por cerca de 2163 indivíduos na unidade 212; cerca de 1905 exemplares na unidade 409; e 916 exemplares na unidade 217, enquanto na unidade 68 tínhamos 787 peças.

A faiança surge aqui ilustrada por cerca de 956 elementos, inseridos na unidade 68; cerca de 572 exemplares na UE 135; e aproximadamente 245 elementos na unidade 117.

A maior presença de matérias cerâmicas está sempre em unidades com características de aluvião, lama de cor preta, depósitos de sedimentos. O espólio osteológico associado a estas unidades interpreta-se como estando relacionado com a vivência da comunidade, mas na maior parte com a deposição dos restos de produção e consiste em desperdícios que são depositados na cerca do convento, em unidades que integram também materiais mamalógicos, ictiológicos e malacológicos, provenientes de lixeiras e/ou até trazidos pelas águas do rio.

Do conjunto total exumado, recolheram-se cerca de 3737 peças, na a unidade 68. Trata-se de uma unidade de cariz aluvionar, presente sobre as primeiras estruturas exumadas, abaixo dos contextos fabris e desde o limite oeste da área intervencionada; na UE

409 recolheu-se um conjunto significativo de peças, num total de 4720 e apresenta uma larga quantidade de peças inteiras e/ou com ligeiras fissuras; na UE 212 recolheram-se 4176 exemplares; e na UE 217 cerca de 1916 unidades. Todas estas unidades caracterizam-se como aquelas de aluvião e mesmo com vestígios da desconstrução de estruturas. São aquelas que se sobrepõem à grande maioria de estruturas existentes na área em estudo, abaixo das areias e grande parte delas existiam no mesmo alinhamento eixo X, na faixa mais a leste da área edificada onde que se verifica maior quantidade de materiais, nomeadamente inúmeras peças inteiras.

Não estando o leito do rio acalmado, a cheia de Dezembro de 1600 afectou a cidade e em 1612 existiram mais duas cheias. Em 1646 as perdas foram notáveis. Estas inundações contribuíram para o consecutivo abandono do local. Grande parte das unidades decapadas no Convento de S. Francisco, com relação directa com comportamento do rio, como sejam a UE 268, a UE 212 e a UE 68, apresentam materiais com datação centrada no século XVII.

CONCLUSÃO

Seguindo uma anterior tradição de produção de cerâmica, do período medieval, claramente que existiu na malha urbana de Leiria uma área onde se executava a produção de cerâmica em séculos da Época Moderna.

Figuram estruturas de combustão e realidades afins, níveis associados à prática de cozedura de cerâmica e contextos de deposição secundária.

De entre o espólio arqueológico de período Moderno, encontrado na cidade, e credivelmente originado aqui, são de realçar a os vestígios de cerâmica fosca, cerâmica vidrada e faiança. As peças recolhidas apresentam, credivelmente, o ponto cronológico central no século XVII, alargando as margens cronológicas para o século XVI, XVIII, nomeadamente. Considerando os dados por nós conhecidos, por onde estão disseminados os vestígios que referimos, gera-se uma mancha de dispersão entre a Rua das Olarias e a Rua José Estevão, abarcando a Rua Dom Nuno Alvares Pereira, a Rua Pinheiro Chagas até ao Largo Cândido dos Reis e, talvez, alargando-se à rua dos Poços. E à zona do Convento de São Francisco. Esta é uma zona onde a água e a matéria prima existiam abundantemente. E onde a actividade de produção de cerâmica se manteve até hoje.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO (Ricardo Charters d') (2009) – *Destruições Provocadas pelas Invasões Francesas em Leiria* [CEPAE].

ANÓNIMO (1868) – *O couseiro ou memórias do bispado de Leiria*. Leiria: [O Mensageiro], [198-?]. (Reprodução facsimilada da 1ª ed. que no frontispício averba o seguinte: Braga – Tipografia Lusitana – Rua Nova, nº3 – 1868)

CABALLERO ZOREDA, L. (2006) – Arqueología de la Arquitectura: conocimiento e intervención. *Estudios/Património*. Lisboa. 9, p. 33-43.

CABRAL, João (1975) – *Anais do Município de Leiria*, Leiria, Câmara Municipal de Leiria.

COSTA, Lucília Verdelho da (1989) – Leiria. *Cidades e Vilas de Portugal*, n.º 4, Lisboa, Editorial Presença.

GOMES, S. A. (1993) – A Organização do Espaço Urbano numa Cidade Estremenha: Leiria Medieval, in *A Cidade. Jornadas Inter e Pluridisciplinares*, Actas, Vol. II, Lisboa, Universidade Aberta, pp. 81-112.

GOMES, S. A. (1995) – Sobre a Fundação Undecentista de Leiria, in *II Colóquio Sobre História de Leiria e da sua Região*, Actas, I Volume, Leiria, Câmara Municipal de Leiria, pp. 205-251.

GOMES, S. A. (1997) – Leiria e a Tipografia Judaica dos Ortas... in *Estudos Orientais*. VI. *Homenagem ao Professor António Augusto Tavares*, Lisboa, Instituto Oriental – Universidade Nova de Lisboa, pp. 221-235.

GOMES, S. A. (1999) – Higiene e saúde na Leiria Medieval. In *Actas do III Colóquio sobre História de Leiria e da sua Região* (1996). Leiria. Câmara Municipal de Leiria.

GOMES, S. A. (2004) – *Introdução à História do Castelo de Leiria*, (2ª edição revista e ampliada), Leiria, Câmara Municipal de Leiria, 448 pp.

GOMES, S. A. (2005) – *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas*. 2. Marinha Grande, Viseu, Palimage e Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra.

GOMES, Tiago M. (2016) – *Caracterização do Parque Edificado do Centro Histórico de Leiria*, Dissertação Mestrado em Engenharia Civil – Construções Cívicas, IPL, Leiria.

GONÇALVES, Alda S, M. (2010) – *LEIRIA As Fontes o rio Lis e as suas pontes*, Junta de Freguesia de Leiria, folheto ed. e design, Leiria.

MARGARIDO, Ana Paula, (1988) – *Leiria. História e morfologia urbana*, Leiria, Câmara Municipal de Leiria.

MATTOSO, José, (1987) – *Fragmentos de uma composição Medieval*, ed. Estampa, Lisboa, pp. 95-111.

PEREIRA, Jaqueline. (2017) – *Relatório Final, I, II e III, Requalificação do Edifício da Companhia Leiriense de Moagem*

S. A., *Leiria. Empreitada Geral de Remodelação e Construção*. Projecto de Intervenção Arqueológica – CFML, Leiria.

PORTELA, A. M. E QUEIROZ, F. (2004) – Dinâmicas Urbanas em Portugal na primeira metade do século XV. IN D. Afonso, *4.º Conde de Ourém, e sua Época, Congresso Histórico, Ourém*, 6 a 8 Novembro 2003, Actas, Câmara Municipal de Ourém. Actas. CMO, 329-346.

TRINDADE, Ana Rita Rodrigues Baptista de Palma (2012) – *Convento de Santana de Leiria: história, vivências e cultura material. (Cerâmicas dos Séculos XV a XVIII)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Vários, (2012) – *Carta Arqueológica do Concelho de Leiria – CARLEI*, C. M. L. <https://www.cm-leiria.pt/uploads/document/file/1442/44300.pdf>

VALE, Nuno. (2005) – *Centro histórico Leiria*. IPA – DGEMN. www.monumentos.pt

ZUQUETE, Afonso, (1943) – Leiria. Subsídios para a história da sua diocese, Leiria. S/a, 1-2-1906, Convento de S. Francisco, in *Leiria Ilustrada*.

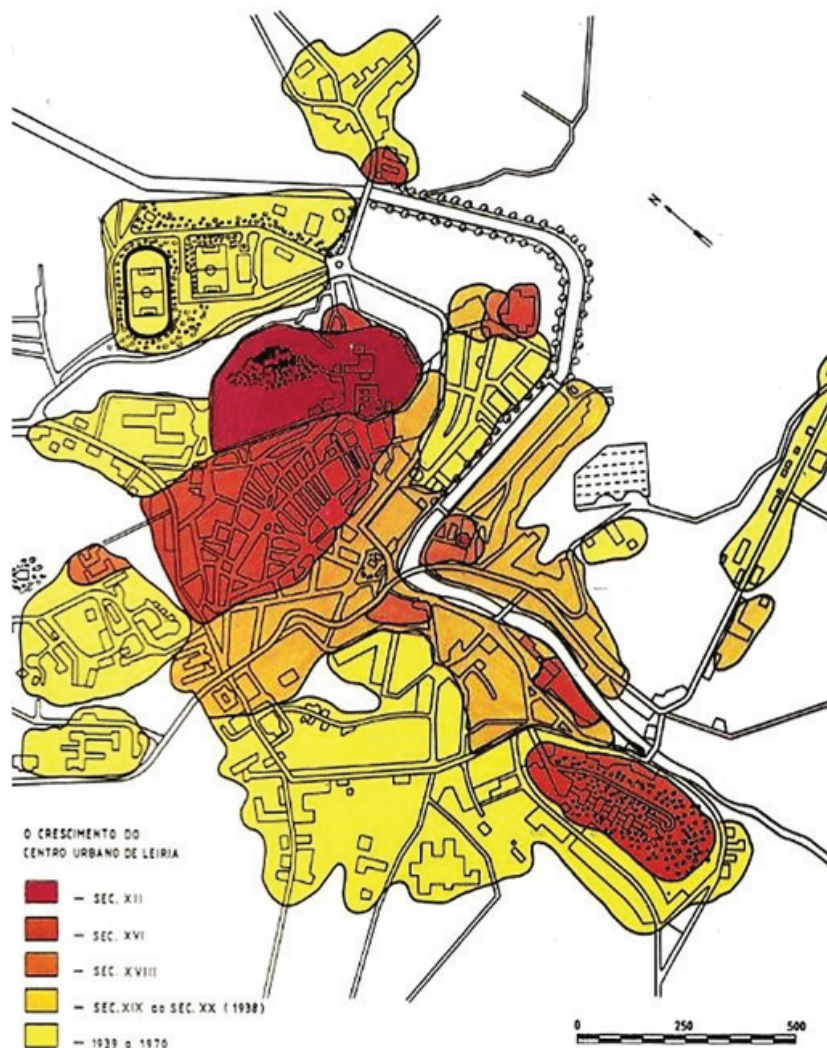


Figura 1 – Fases de crescimento do Centro Urbano.



Figura 2 – Localização dos locais intervencionados.

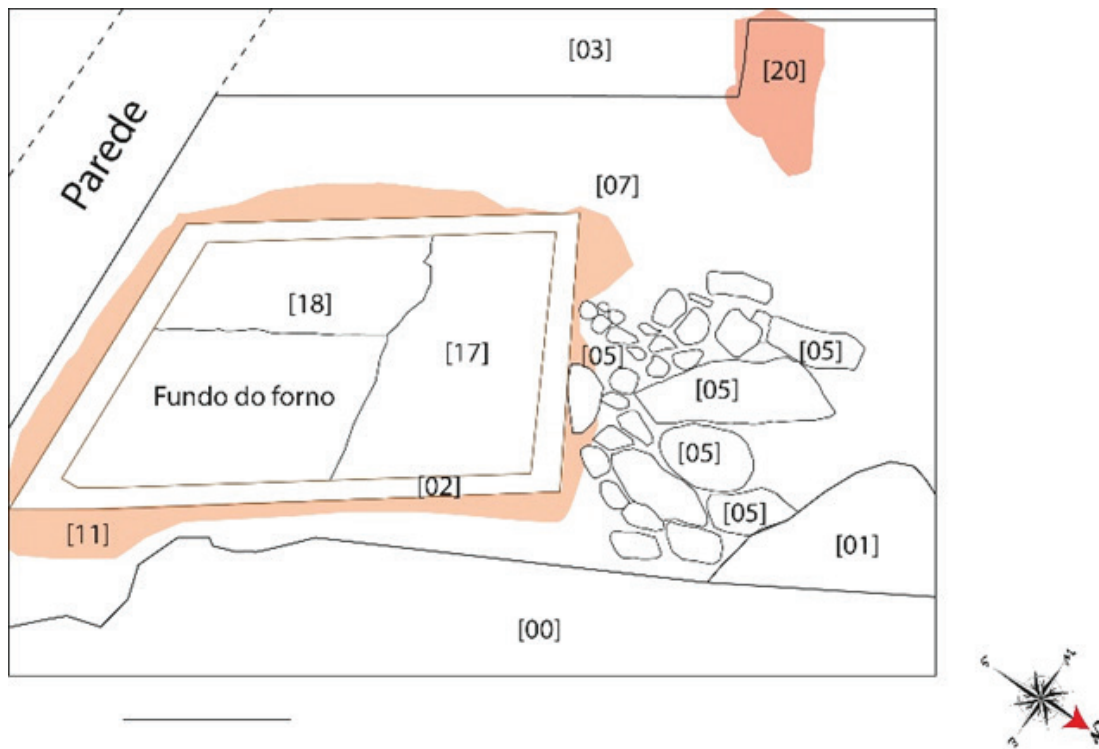


Figura 3 – Desenho da estrutura detectada na Rua Pinheiro Chagas.



Figura 4 – Interior da estrutura depois de decapar parte do interior.



Figura 5 – Fragmentos recuperados – séc. XVIII.



Figura 6 – Estrutura de pequena dimensão –aquela menos destruída.



Figura 7 – Imagem a partir de norte para sul, antes da escavação de cobertura.



Figura 8 – Fragmentos em faiença e perfil completo, em cerâmica fosca.



Figura 9 – Níveis associados a estrutura de combustão.



Figura 10 – Canjirão, vidrado plum-bífero verde, XVI-XVII, UE 409.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

musaji
municipal do porto

